

## CONVERSAS COM O ACERVO DO MAV Geraldo de Barros

### *Jogando dados com Geraldo de Barros*

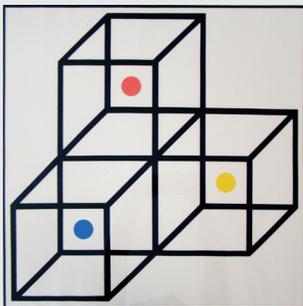
“Todo artista deve ser completamente livre, tendo compromissos apenas consigo mesmo”, proclama Geraldo de Barros (1923-1998) em seminário realizado no Foto Cine Clube Bandeirantes em 1949.<sup>1</sup> Essas palavras, ditas quando Barros iniciava-se nas artes, não se perderam ao vento, ao contrário, parecem tê-lo guiado durante toda sua carreira. De fato, dentre os artistas modernos brasileiros atuantes na segunda metade do século XX talvez poucos tenham sido tão investigadores e experimentalistas quanto Geraldo de Barros, que trabalhou com diferentes meios e materiais com igual seriedade, envolvimento e, ousado dizer, despreendimento. Fotógrafo e pintor de destaque no cenário nacional dos anos 1940/50, Barros, nas décadas seguintes, também atuou nas áreas do desenho industrial e da comunicação visual. Como fotógrafo, pesquisou a fundo os limites da linguagem fotográfica, realizando variadas interferências no negativo (tais como cortar, desenhar, pintar, sobrepor imagens) e na própria cópia já pronta. Nos dizeres de Helouise Costa, Geraldo de Barros demonstrava sua “vontade de criar uma ordem autônoma para a fotografia ao transgredir a realidade da cena fotografada através de suas inúmeras intervenções”. Com suas Fotoformas, expostas em 1950 no MASP, inaugurou a “vertente abstrata da fotografia moderna brasileira”.<sup>2</sup>

1 COSTA, Helouise e RODRIGUES DA SILVA, Renato. *A fotografia moderna no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 44.

2 Idem, p. 43 e 45, respectivamente.



28 da série "Jogos de Dados" - fórmica sobre aglomerado, 46 x 69 cm, 1983



Sem título - serigrafia, 65 x 65 cm,  
1953-82



Sem título - serigrafia, 65 x 65 cm,  
1953-82

Em 1951, o artista paulista encontra-se na Europa e frequenta informalmente a Escola Superior da Forma, em Ulm (Alemanha), onde trabalhava Max Bill, grande defensor da arte concreta e que desempenharia papel fundamental na difusão do ideário concretista na América do Sul. De retorno ao Brasil, Barros participa da criação do Grupo Ruptura, em São Paulo, no ano de 1952, e é um dos signatários do manifesto que prega a renovação dos “valores essenciais da arte visual” e a necessidade de distinguir aqueles que “criam formas novas de princípios novos” daqueles que criam formas novas de princípios velhos”.<sup>3</sup> Assim, em oposição aos procedimentos artísticos tradicionais, mais artesanais e intuitivos, os membros do grupo ruptura manifestam sua adesão a uma linguagem construtiva, de caráter universal, e sua intenção em realizar uma arte rigorosamente não figurativa e sem concessões ao subjetivismo. Para tanto, defendem o uso de tintas, suportes e procedimentos industriais, como o esmalte; o duratex, compensado, plexiglass e alumínio; e a pintura a revólver. Pretendem com isso afirmar o fazer artístico como uma prática racional e positiva, “dotada de princípios claros e inteligentes e de grandes possibilidades de desenvolvimento prático”.<sup>4</sup> Trata-se, cabe destacar, de uma proposta que visava à efetiva participação do artista na construção de uma nova sociedade e na qual prevalece o desejo de criar uma arte sincronizada à sua própria época e adequada ao mundo contemporâneo, urbano e industrial.

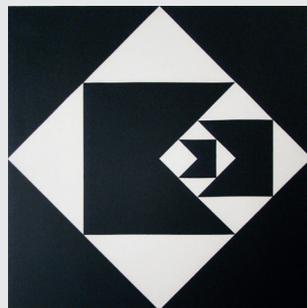
Não é portanto motivo de estranhamento que, paralelamente à sua produção artística, vários membros do grupo Ruptura tenham atuado profissionalmente em áreas das chamadas artes aplicadas, como desenho gráfico e industrial, paisagismo, ilustração e publicidade. No caso

3 Manifesto do Grupo Ruptura, assinado por Lothar Charoux, Waldemar Cordeiro, Geraldo de Barros, Kazmer Føjér, Leopold Haar e Anatol Wladyslaw.

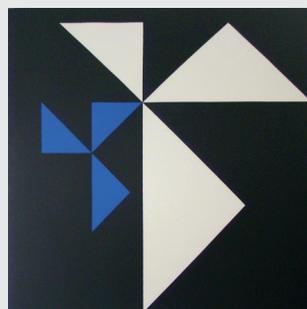
4 *Idem*.

de Geraldo de Barros, seu papel ultrapassou a função de criador e designer industrial, já que foi co-fundador e colaborador ativo de duas fábricas de móveis modernos, que trabalhavam com peças modulares, de formas simples, e com poucos materiais, entre eles o aglomerado de madeira: a Unilabor (cooperativa ativa entre 1954 e 1967) e a Hobjeto, criada em 1964. Além disso, também foi sócio fundador de um dos primeiros escritórios de design no Brasil, o forminform, juntamente com Ruben Martins e Walter Macedo.<sup>5</sup>

Defensor incontestado da arte abstrata de cunho racional no Brasil do pós-guerra, Geraldo de Barros interessou-se pela figuração pop nos anos 1960, quando associou-se a Nelson Leirner (com quem dividia um ateliê na época) e a Wesley Duke Lee para formar o Grupo Rex, que se tornou notório por suas obras e ações críticas e irreverentes, com destaque para seus happenings. O grupo, que também contou com a participação de José Resende, Carlos Fajardo e Frederico Nasser, inaugurou suas atividades em 1966 com a abertura da galeria Rex gallery & sons nas dependências da loja de móveis Hobjeto. Nesse período, Barros passa a apropriar-se de imagens difundidas pela cultura de massa, em anúncios, cartazes e jornais, para realizar obras em recréias cenas do cotidiano ou situações banais. Contudo, como observa Fernanda Lopes em livro dedicado ao grupo, Barros manteve laços com o pensamento construtivo, já que a organização do espaço compositivo de seus novos trabalhos revelava a disciplina da experiência anterior da arte concreta.<sup>6</sup> Como a atestar a importância dessa experiência passada para sua poética pessoal e para sua trajetória enquanto artista, Geraldo de Barros, a partir da década de 1970, volta a



Sem título - serigrafia, 65 x 65 cm, 1953-82



Sem título - serigrafia, 65 x 65 cm, 1953-82

<sup>5</sup> Alexandre Wollner, recém chegado da Alemanha, onde estudou na Escola Superior da Forma de Ulm, associou-se em seguida ao grupo e passou a trabalhar no escritório.

<sup>6</sup> LOPES, Fernanda. *A experiência Rex*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 74.



26 da série "Jogos de Dados" - fórmica sobre aglomerado, 46 x 69 cm, 1983

trabalhar com formas abstratas, geométricas, mas não cessa de experimentar, pois serve-se agora de lâminas de fórmica sobre aglomerado como material compositivo.

As obras aqui expostas foram doadas à Galeria do Instituto de Artes na década de 1980, por ocasião de duas exposições distintas. Em 1984, uma mostra com trabalhos de Geraldo de Barros e do também concretista Hermelindo Fiaminghi inaugura a galeria, que daria origem ao atual Museu de Artes Visuais e que resultou do projeto e empenho de professores do Instituto de Artes. Barros doa então 10 serigrafias e uma obra em fórmica. Cinco anos mais tarde, em 1989, Barros expõe seus Jogos de Dados em Campinas, série em que propõe variações espaciais em torno do quadrado e do cubo, e doa 55 obras desse conjunto, de diferentes dimensões e formatos. Seu gesto generoso coloca o MAV em uma posição de destaque no cenário nacional, uma vez que outros museus (como Inhotim, por exemplo) possuem apenas estudos para esta série.

Aparentemente simples, singelas, as obras de Geraldo de Barros destacam-se por seu rigor formal, por seus elaborados contrastes cromáticos, por um refinado uso da perspectiva e por sua complexidade perceptiva. Elas convidam o espectador atento a um jogo prazeroso, em que "cores e formas vinculam objeto e sujeito"<sup>7</sup> e a precisão matemática não exclui o lúdico e a criatividade.

**MARIA DE FÁTIMA MORETHY COUTO**

*Curadora, professora de História da Arte no Curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Unicamp*

Novembro de 2016

---

7 VAN CAMP, Freddy. "Geraldo de Barros". <http://www.iar.unicamp.br/galeria/acervo/geraldodebarros/>